

Eu escolhi o meu nome. E você?¹

Maryellen Ingrid Araújo BĂDĂRĂU²

Aderlon dos Santos GERONIMO³

Zulmira NÓBREGA⁴

Glória RABAY⁵

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O vídeo documentário intitulado “Eu escolhi o meu nome. E você?” retrata a realidade de pessoas que moram na cidade de João Pessoa, na Paraíba e descreve, a partir de relatos registrados as mudanças físicas, ideológicas e sociais dos personagens que após sua identificação de gênero escolheram um nome para si. A nossa metodologia perpassa da utilização de pesquisa qualitativa e entrevistas em profundidade. O produto audiovisual possibilita a compreensão de uma ferramenta utilizada no jornalismo que é o documentário, ele nos traz uma reflexão de como é o dia a dia dessas pessoas que assumem um nome social, mostrando as dificuldades enfrentadas por elas.

PALAVRAS-CHAVE: nome social; gênero; identificação de gênero; documentário.

1 INTRODUÇÃO

Nesse artigo vamos apresentar o resultado de um trabalho junto ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero-NIPAM da UFPB. Entre outras ações os alunos de Jornalismo produziam curtos documentários para serem utilizados como instrumentos pedagógicos de incentivo ao debate sobre temas pertinentes às atividades do Núcleo. *Eu escolhi o meu nome. E você?* Versão sobre questão do nome social e sua importância para a inclusão social de pessoas transgêneros. O trabalho foi utilizado para integrar a disciplina de Telejornalismo no qual retratava assuntos relacionados aos direitos humanos na universidade.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria I- Jornalismo, modalidade JO 16 Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em vídeo e televisão.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: maryellen_ingrid@hotmail.com

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: aderlonamorim@gmail.com

⁴ Professora do Curso de Jornalismo, e-mail: zulmiranobrega@uol.com.br.

⁵ Orientador do Trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero-NIPAM e do Grupos de Pesquisa Gênero e Mídia – GEM /UFPB e-mail: gloria.rabay@gmail.com

O documentário vai ajudar a entender como acontece as mudanças ocorridas no âmbito social e os caminhos legais assegurados pela lei para que o cidadão possa modificar o seu nome.

Segundo Zandonade e Fagundes (2003), o documentário se caracteriza por “apresentar determinado acontecimento ou fato, mostrando a realidade de maneira mais ampla e pela sua extensão interpretativa”. O conteúdo audiovisual através do documentário, possibilita retratar de forma interativa temas do cotidiano que muitas vezes passam por despercebido do cidadão comum, enxergar o mundo através da lente de uma câmera é uma das formas utilizadas no meio jornalístico para essa produção. Pode ser entendido, também, como: “uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares” (NICHOLS 2008, p.47).

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) é uma das universidades brasileiras que assegura a utilização do nome social através da resolução do CONSUNI nº. 39/2013. Essa resolução assegura que discentes, servidores técnico-administrativos e docentes no âmbito da universidade possam utilizar o nome social alegando que a adoção do nome social objetiva evitar constrangimentos às pessoas a partir do respeito a sua identidade de gênero.

Quando o homem atribuí a um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol. (NIETZSCHE, 2008, p. 28)

O nome social é utilizado muitas vezes por transgêneros, que parafraseando Peres (2009, p.236) “são pessoas que se caracterizam esteticamente por orientação do gênero oposto, não se mantendo o tempo todo nesta caracterização como o fazem os travestis e os transexuais”.

2 OBJETIVO

Esse documentário pretende mostra como é o cotidiano das pessoas que adotam o nome social na cidade de João Pessoa na Paraíba através da coleta de depoimentos pessoais. Através deste pretende-se: levantar a discussão sobre a escolha de um nome e seus

obstáculos no convívio social; Informar sobre os procedimentos para quem deseja adotar um novo nome a partir de experiências concretas no Brasil; Promover uma reflexão sobre a importância do respeito para com as pessoas que adotam o nome social; Estimular novas pessoas a assumirem sua identidade de gênero.

3 JUSTIFICATIVA

O projeto foi elaborado a partir da observação da necessidade de compreender como se dá o processo de adoção do nome social no convívio público e nas universidades da cidade de João Pessoa. O documentário pretende trazer uma compreensão sobre as identidades de gênero e tem como objetivos a diminuição de preconceitos gerados pelo assunto.

Diferente de textos escritos, um vídeo une multimídias que deixam o trabalho mais prazeroso de se fazer e de assistir. O documentário dá a chance ao jornalista de desenvolver determinado tema com diversas possibilidades.

Segundo Zandonade e Fagundes (2003, p. 41) “O documentário deve promover a integração entre os membros da comunidade retratada e desenvolver entre eles, de forma a enriquecer os conhecimentos individuais e coletivos”.

A maioria dos jovens que assumem um nome social passam por constrangimentos diários e muitos desistem de seguir uma carreira acadêmica por conta de não serem aceitos em ciclos de amigos e até mesmo serem desrespeitados por professores. Portanto, informar através de um documentário a realidade vivida por determinados grupos que assumem o nome social nos ambientes que frequentam é uma das formas mais eficientes de ampliar a tolerância à diversidade, tendo em vista a multiplicidade de informações proporcionada pelo audiovisual e a facilidade de compreensão através dos fatos narrados.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a produção desse documentário utilizamos entrevista em profundidade e análise de imagens. A escolha desses métodos aconteceu pelo fato de entendermos que a construção de um documentário jornalístico precisa ser analisada e pensada com conhecimento da temática, não apenas ligar a câmera e gravar.

De acordo com Oliveira, Martins e Vasconcelos (2012) a entrevista em profundidade apresenta uma maior flexibilidade, pois pode ser alterada no momento de sua realização, diferentemente de uma entrevista totalmente estruturada. As fontes selecionadas para esse tipo de entrevista podem conversar abertamente com o pesquisador e trocar experiências sobre o tema abordado. Com isso, os entrevistados proporcionam ao pesquisador uma profundidade no assunto e com a troca de informação o jornalista adquire um olhar crítico sobre a temática trabalhada.

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer (DUARTE, p.01).

A escolha dos entrevistados parte da qualidade da informação que cada sujeito tem para falar. Nosso objetivo foi diversificar os personagens do documentário em suas características físicas e sociais para que o público que vai assistir se identifique de alguma forma com os sujeitos. Desenvolver um trabalho audiovisual com um assunto tão delicado que mexe com vidas e histórias de pessoas foi uma das dificuldades do trabalho, mas em inúmeras tentativas de conversas e encontros com os sujeitos, conseguimos um resultado significativo. Duarte (2002) explica que essa forma de contato com o entrevistado é o procedimento mais adequado, pois o material obtido traz uma análise detalhada para o pesquisador que seleciona o melhor conteúdo que será circulado.

Como o produto é um documentário jornalístico, sentimos a necessidade de utilizar o método de análise de imagem com o objetivo de aprimorar as práticas cinematográficas que fazem parte da composição do documentário.

A análise do vídeo “Os Tabus Sociais na percepção de Gênero e papéis sexuais” (2012), com direção de Júlia Balthazar e orientação da professora Cláudia Busato foi um dos objetos de estudo para a construção da narrativa, linguagem, iluminação, trilha sonora, enquadramento e compressão da a construção da realidade a partir de uma lente digital. A observação de outros produtos audiovisuais nos trouxe o suporte necessário para que pudéssemos criar toda a nossa narrativa através das diversas formas de imagens obtidas no documentário.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário “Eu escolhi meu nome. E você? ”, foi organizado em quatro momentos: a história de vida das pessoas que adotam um nome social, o processo de adoção do nome, a experiência de pessoas que adotam o nome social e a mudança de vida.

O espaço utilizado para desenvolver o enredo foi a cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, uma vez que os personagens entrevistados convivem nessa cidade e a repercussão de acontecimentos locais nas universidades paraibanas.

Para a realização dessa pesquisa, quatro entrevistados, sendo três estudantes universitários e um professor de direito com conhecimento de causa e defensor da lei para falar sobre o assunto foram convidados. Buscamos inicialmente ouvir relatos do cotidiano dos sujeitos para que aos poucos pudéssemos chegar aos pontos mais críticos e importantes para a pesquisa.

A pesquisa durou em torno de dois meses, os primeiros dias foram os mais difíceis, pois as reuniões internas e leituras sobre a temática foram a base para que a abordagem utilizada com as fontes pudesse ser um sucesso. Conseguir pessoas que queiram falar de forma aberta sobre assuntos com o nome social que envolve identidade de gênero e círculos sociais foi a nossa maior dificuldade. Diante disso, procuramos organizar contatos diários com os sujeitos para que a nossa pesquisa pudesse seguir adiante.

As três fontes entrevistadas que adotaram o nome social têm perfis variados, distintos em condições financeiras e locais onde residem. Todas essas histórias se cruzam num mesmo ponto, a adoção do nome social e as barreiras encontradas diariamente no convívio social e nos ciclos de amigos.



Figura 1: Louise de Assis, estudante de Comunicação Social na UFPB



Figura 2: Roesse, estudante de Comunicação Social na UFPB



Figura 3: João Crispim, estudante de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário de João Pessoa (UNIFE)

O professor de direito entrevistado defende que seja assegurado os caminhos legais que a pessoa que deseja adotar um nome social possa percorrer. Com isso, o nosso objetivo foi alcançado e o resultado final foi positivo.



Figura 4: José Baptista de Mello Neto, professor na UFPB

6 CONSIDERAÇÕES

A partir da análise documental realizada através das pesquisas, entrevistas e por fim o documentário jornalístico podemos perceber os desafios diários de pessoas transgêneros que adotam um nome social. Os depoimentos registrados no documentário mostram que não é apenas um nome que se muda, mas a forma corporal, de vestir, de falar, o convívio social e também familiar.

Ao longo do processo fica clara a posição adotada pelos entrevistados de querer ser respeitado pelo nome adotado e a vontade de se ter uma política que defenda essas minorias. Documentar cada fala e cobrar uma atenção das políticas públicas foi o nosso objetivo, além de trazer conhecimento a sociedade para que o respeito seja adotado pelas pessoas que convivem com pessoas assim.

Desenvolver esse trabalho foi de suma importância, pois ele nos trouxe o conhecimento e o envolvimento com pessoas que assumem o nome social. O mais gratificante é poder levar para outras pessoas e servir de exemplo para causas maiores.

Portanto, partimos da ideia de que a informação é a melhor maneira de possibilitar a criação de novos conceitos e visões diferenciadas para que minorias como essas não sejam esquecidas nem marginalizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DINIZ, Margareth **Serviço Público Federal**: Universidade Federal da Paraíba. Conselho Universitário. Art. 3º: direito de inclusão do nome social a estudantes. Disponível em: < http://www.ufpb.br/sods/consuni/resolu/2013/Runi39_2013.pdf >. Acesso em: 13 abril de 2016.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. Rio de Janeiro: Cadernos de Pesquisa, n. 115, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115> > Acesso em: 10 de abril de 2016.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.

MACÁRIO, Verônica; MARTINS, Maria de Fátima; VASCONCELOS, Ana Cecília. **“Entrevistas em Profundidade” na Pesquisa Qualitativa em Administração**: Pistas Teóricas e Metodológicas. Campina Grande, 2012. Disponível em: < http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2012/artigos/E2012_T00259_PCN02976.pdf > Acesso em: 05 de abril de 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**, São Paulo: Escala, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=cbXPfI5YGm0C&oi=fnd&ots=b1agvyZ3w9&q=> >. Acesso em: 24 mar. 2016.

PERES, William. (2009). **Cenas de Exclusões anunciadas:** travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira Em Junqueira, Rogério Diniz (Org.), *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, UNESCO.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

VIEIRA, Tereza Rodrigues. **Nome e sexo:** mudanças no registro civil. Editora Revista dos Tribunais, 2009.

ZADONADE, V.; FAGUNDES, M. C. J. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. 2003. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>. > Acesso em: 24 mar. 2016.